

Considerações finais

À guisa de conclusão, podemos afirmar - a partir do corpus analisado - que o humor, parte integrante do que se sói chamar cultura subjetiva, é um retrato da sociedade. No caso das sociedades brasileira e alemã, pôde-se constatar que praticamente todas as características apontadas pelos estudiosos interculturalistas e antropólogos (Hofstede, Lewis, Thomas e Hall, mas também DaMatta) estão presentes nas séries televisivas analisadas. As categorias de análise que se mostraram mais eficazes ao se detectarem diferenças no humor das duas culturas foram:

- a dicotomia casa e rua de DaMatta, ligada às categorias de Hofstede (1994, 2001), Lewis (2006) e Thomas (2005), que são unânimes em descrever a cultura brasileira como caracterizada pela interpenetração entre vida privada e vida profissional;

- relacionada a essa primeira categoria, está a noção de proxêmica - cunhada por Hall e presente também nos *Kulturstandards* de Thomas (2005) e reiterado por p.ex. Schröder (2011) - segundo a qual a cultura alemã seria avessa ao contato físico muito próximo, enquanto a distância considerada suportável entre pessoas no Brasil é muito mais curta;

- os termos policrônico e monocrônico, cunhados por Hall (1977) e retomado por Thomas (2005) em sua *Gegenwartsorientierung* (orientação pelo presente), também ficaram bem evidentes no corpus;

- as categorias masculinidade e feminilidade, criadas por Hofstede (1994) originalmente para o ambiente corporativo, mas aplicada à sociedade como um todo, se revelaram apenas em parte reconhecíveis no ambiente familiar;

- a categoria mais claramente detectável nas séries e que realmente não só diferencia as duas sociedades como um todo, mas é também decisiva para a compreensão do humor de cada uma, é, sem sombra de dúvida, a dicotomia *high-context/low-context*, detectada por Hall e retomada por Hofstede como diretividade/indiretividade e Thomas como *Interpersonelle Harmonieorientierung* (Harmonia interpessoal).

No que se refere propriamente ao riso e ao humor, concluiu-se que o riso, definido como intrinsecamente humano, seria motivado em cada sociedade por temas e situações distintas, como vimos em Roodenburg e Bremer (2000), Nevo (2001) e Brito (2008). O humor é então eminentemente cultural. Se as culturas são tão distintas - como demonstrado pelos vários teóricos estudados e corroborado pela análise do corpus -, como seria possível que brasileiros e alemães pudessem rir de piadas ou situações supostamente “engraçadas” na respectiva outra cultura? O que se pôde constatar é que as duas culturas são realmente muito distintas em vários quesitos, mas fazem parte de uma cultura mais ampla ligada à cultura ocidental, de modo que as sociedades brasileira e alemã apresentam – apesar de muitas diferenças – muitos pontos em comum no que se refere à estrutura familiar.

A interação na série alemã é muito mais voltada para “dentro”, i.e. o contato com o mundo exterior é mais limitado (apesar de haver mais cenas externas), enquanto as interações interpessoais na série brasileira se restringem ao ambiente familiar, mas interpenetrado pela “rua”, que invade a “casa” na figura de Dona Álvaro, por exemplo. Apesar disso, as estruturas familiares são comparáveis (famílias do tipo *patchwork*) e os problemas também são em muitos pontos os mesmos: problemas emocionais, amores, sexualidade e relações interpessoais. Como diz Rosa (2004), tudo é passível de riso hoje em dia. O riso descrito por Bergson (1983) como um instrumento de punição daquele que foge às normas da sociedade é revisto hoje: não só os estereótipos, a loura burra, o homossexual, mas também o homem comum pode ser objeto do humor. As séries televisivas, que, como afirma Messa (2006), “são um fenômeno social, onde temas relevantes da sociedade são abordados” demonstram bem essa mudança. Isso parece ocorrer - se não em escala mundial, pelo menos no mundo ocidental - muito provavelmente devido às múltiplas influências que nos atingem a todos, como

bem descreveu Appadurai (1996).

Assim, as situações risíveis – mas não ridículas – expostas nas duas séries descrevem duas sociedades urbanas ocidentais que têm características próprias, mas também pontos em comum. Como características próprias teríamos p.ex. o papel da mulher na sociedade: em ambas as séries há a presença da mulher emancipada e da dona de casa. Na série brasileira elas são encarnadas por duas personagens distintas, ambas protagonistas de situações risíveis, enquanto que na série alemã, ela é encarnada por uma só personagem, Doris, que reluta em assumir o papel de dona de casa. As situações de riso protagonizadas por elas são compreensíveis em ambos os países – e não apenas por preencherem critérios mais universais de riso, como descritos por Possenti (2005), do tipo incongruência –, mas sim por serem situações culturalmente reconhecíveis por indivíduos das duas sociedades.

Como distinção mais contundente entre as duas culturas - e que é, a nosso ver, o que realmente diferencia sua compreensão de humor - está o fato de a sociedade alemã ser direta, *low-context*, nos termos dos autores e das teorias apresentadas no decorrer do presente estudo, em contraposição à sociedade brasileira, *high-context*.

Como ficou claro na análise do corpus, muitas das situações na série brasileira partem de um conhecimento mais além do que aquilo que foi dito: o não-dito, o entrevisto nas palavras, o uso de metáfora, para que o elemento humorístico seja entendido. Claro está que muitas vezes isso requer um conhecimento lingüístico avançado. Talvez por essa razão, os idealizadores do *Quadro Europeu Comum de Referência para o Ensino de Línguas* tenham decidido colocar seu entendimento só no nível C1, como exposto no capítulo 2.1.

No nosso entender, faz-se necessária a conscientização do aprendiz de PL2E ou de alemão como língua estrangeira desde os primeiros momentos do aprendizado do respectivo idioma estrangeiro acerca dessa e de outras características tão importante da cultura subjetiva da língua/cultura alvos. Esses elementos subjetivos são difíceis de serem entendidos de maneira adequada caso não haja um trabalho de conscientização por parte daqueles que têm o papel de mediar o aprendizado e facilitar o entendimento da cultura-alvo: os professores.

O resultados da presente pesquisa - cujo tema não foi até agora objeto de estudo no âmbito do ensino de línguas no Brasil, nem na Alemanha - pretendem

ser mais um elemento na construção de saberes relevantes para o ensino de PL2E e alemão como língua estrangeira, a fim de que o aprendizado do respectivo idioma estrangeiro se faça de forma cada vez mais eficaz, levando não apenas ao entendimento do código linguístico, mas também do verdadeiro entendimento intercultural.